

MINHA SOLIDÃO

Livro 133

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



CONHECER

O empenho por tornar-me eu mesmo, foi mais difícil do que nunca quando me permiti reduzir meu compromisso de cuidar de filhos, de cuidar de pessoas e histórias, de reduzir o sofrimento alheio, de desmascarar os mitos que espalhados disfarçavam a periferia fantasiando-a de centro, acreditando no mundo sem saber que o mando pertencente ao submundo. Conhecer é um acontecimento que se inaugura no instante que a gente as conhece. Desvestir a roupagem, a capa que encobria, estabelecida como mediante acordos, desvestido de experiências. Durante esse período os objetos não eram tão importantes, estavam ali por estar, móveis imóveis, não via expressados os afetos históricos neles depositados.

PALMADA

Conheci a palmada por uma cena de rua onde um pai pensava estar educando seu filho, pensei e escrevi: a criança que apanha para aprender, aprende a apanhar e a bater.



QUANDO MEUS SONHOS

Quando meus sonhos couberam no meu sono não tive mais os pesadelos onde mares com ondas bravias ensaiavam afundar navios. Meus medos foram deixados em terra firme e, com o tempo, desloquei a fonte das ameaças para as provas do colégio, para a saúde da família e por fim temo todos os dias o desconhecido e indecifrável submundo que me rodeia.

MINHA CALIGRAFIA

Quando minha caligrafia deixou de ser grande para limitar-se ao tamanho dos objetos que as palavras descreviam, as frases couberam no caderno pautado, economizei meu discurso, abreviei, descobri as sínteses, até as pausas e as vírgulas me ensinaram a respeitar os hiatos e os pontos me deram o direito ao silêncio.



MAJESTADE ANCESTRAL

Uma majestade ancestral com os olhos fincados em algo que não se identifica na foto, meu avô Aziz, tios Davi, Simão e Alberto Alam com a cintura carregada de perdizes por eles caçadas nos prados gaúchos, na mão esquerda as espingardas eram disparadas como táticas inventadas na temporada de caça anterior. Como vultos metidos nos campos desabitados recebendo as aves caminhavam com botas protegidos das serpentes incomodadas com os invasores. Cobertos de palha e pó saíam daqueles jardins naturalmente plantados com que corriam os cães perdigueiros.

MEU PROPÓSITO

Em algum momento entendi que longe da minha casa me educavam para desejar algo desfrutado por outros, eles, consumidos pela posse, convencidos que não teriam nada para aprender além de copiar as conquistas de outros. Aquele projeto de tornar-me um saqueador não combinava com meus interesses, apropriar-me do interesse alheio para fazê-lo meu, nunca foi meu propósito. Aquela carga duplicaria meus desgastes além de carregar os ideais alheios e os próprios, também seria uma grave renúncia de minha singularidade.



EU DESERTOR

Eu desertor, entrego-me ao silêncio. O uso ficcional das palavras roubou o sentido sagrado da sua criação. Esvaziadas na vocação de promover aproximações, as palavras perderam sua razão maior de existir, então passaram a ser abreviadas dando uma dimensão do encolhimento de seu valor.

MODO ACIDENTAL

Eu crio de modo acidental ou sigo um impulso lembrando a minha infância. Observo, faço as minhas descobertas ou deixo as palavras brotarem como um brinquedo saindo da caixa mágica para assombrar-me como um desconhecido que não me pertence. Essas palavras não obstruem a minha criação, são facilitadoras ao recordar-me uma memória inadvertida que devolve o que aprendo sem dar muita atenção. Voltam como que insinuando um diálogo com as coisas, uma espécie de pensamento paralelo sem consciência, mas, que registra uma atenção sem posse resultado de uma obra que declara ser uma parte minha esclarecida.



MINHA SOLIDÃO

Minha solidão se enche de razões em convencer-me a seguir só, atrás de cada tentativa esteve uma decepção, orbitando-me a tentação de não olhar o vento que

espalha as chamas, a ignorância que valida com votos aos piores, a liquidação do nome de cristo banalmente oferecido, um papa pecador e os animais dando provas de fidelidade. As roupas cobrindo cada vez menos e os livros desolados e virgens sem estreias.



O CHOQUE

Distraio o choque de haver visto a indecência que separa as partes mais corajosas e os medos mais covardes. Pretendo afetar os meios e os fins cada vez que não perdo, com essa mania de carregar o peso que não aguento, esquecer o tempo que me habita cheio de razão infestando-me de nostálgicas e inesquecíveis memórias, ponto de partida para o recomeço: suportar que siga seu caminho a minha frágil humanidade.

INJUSTA E DOÍDA

Serei quem pararei o sofrimento, diminuirei o vazio das ausências, bastarei a maldade perversa que me espreita? Começarei a gritar a dor que lancina rompendo o silêncio que omite o quanto a vida pode chegar a ser tão surpreendentemente injusta y doída.



JOGANDO

Brinco de esperar e chegar, de ferir e sarar, de combater e ganhar a paz, de explodir e restaurar, de ir e retornar sem nada perder, de ser a terra nativa e o mar infinito, a mais triste lágrima e a maior indiferença.

PELOTAS

A natureza abriu as portas à contemplação, a junção das duas maiores lagoas do planeta (lagunas) motivaria a criação de Pelotas, minha cidade natal, unir a imensidão que faz parecerem mares, protagonismo da paisagem, estaria fadada a registrar a estética de seu planejamento, ruas retas para dar passagem ao minuano na sua louca corrida pelos pampas. O gado pisando seu solo constitui paisagem para as hortaliças, frutas e uma abundância de eucaliptos. E os filhos da terra acolhedora testemunhas de tantos os que viveram e desenvolveram suas artes, araram a solidão e plantaram suas famílias.



TANTAS SAUDADES

Tantas saudades me parecem reais, tantas notícias irreais. Quando o mensageiro passou pela última vez entregou uma última carta selada, um recado qualquer

dizendo que a última casa seria demolida, que ali mais um majestoso edifício faria sombra na minha rua escondendo o meu sol e depositando automóveis estacionados nas calçadas competindo com as cadeiras dos vizinhos. Envolvido por uma sociedade que se despede de sê-lo, chegam novos homens, menos lidos, menos cultos.

A nostalgia incessante caminha comigo à medida que a vida declinava desumanizada, fazendo violências, pobreza e desempregos. No trajeto descobri que me faz falta a minha cidade natal.



A NATUREZA É UM ENSAIO

A natureza é um ensaio de farta exuberância, a paisagem abre as portas da visualização. Nelas cabem a canção dos pastores, os frutos brilham e um rio se transforma em calmo o riacho. Próximo a uma ponte pássaros fazem ninho para sereias cansadas, a cola de um cavalo espanta molestos insetos. Algumas

uvas, aromas de figos convertem os sentidos em atrações. Uma árvore centenária é um calendário vivo testemunhando que o tempo por ali passou. Os olhos molhados mal conseguem recolher as lembranças que envolvem um tempo que passou, solidões, companhias, dúvidas e desconcertos.

Agora não se nota, mas ali haviam vivido pessoas, declarados amores, ódios fraturando, ciúmes vacilantes, abundancia de comidas, chaminés trabalhando permanentes dando vazão à fumaça do fogão a lenha alimentando o próximo turno.

Um dia exilei meu apego, me despedi, olhei a casa e parti.



COMO VALE A PENA

O fastio me visita a cada tanto, me convida a banalizar o vento e as velas, como se o que alcancei não fosse nada excepcional, essa convergência que nos dá sentido à existência. Sustentar tudo o que acontece e a inclusão da vida na vida com seu patrimônio, as músicas, as

imagens, as palavras, os livros, a confiança construída com o apoio daqueles que remaram a favor, ainda que nem sempre as marés colaborassem. A imbatível direção milenar que guarda o que importa nem sempre se importa com o que vale a pena. Nem sempre se aprende que os méritos circulam nos caminhos nem sempre oportunizados, nem sempre sei o que esperam de mim, tenho mágoas, adubos, sede e um abrigo esvaziado. Tenho cinzas, amores em suspenso, sem amar alguém. Choro lágrimas oscilantes entre a dor e a alegria, ora partindo, ora ficando, com ajustes que incomodam e desajustes que acomodam. Refundo a harmonia, cato o que ainda valha a pena, que marque a alma até deixá-la acalmada.



AS MINHAS EMOÇÕES

As emoções aparecem na minha vida sem convite, chegam de surpresa, ora festejando, ora legalizando algo que me encantava, ora me arrasava. Saber ser feliz, conhecer o que me faz infeliz, abre caminhos de

acordo com minha fome de prazer. As minhas emoções guardam curiosidades, aguardam oportunidades, a emoção viva, bruta, recém-nascida, as emoções de minha autoria são intimamente minhas, não conheço muitas parecidas. Como oferendas, como cargas, como rastros, como poesias.



CONHECER PELA EXPERIENCIA

Festejo a fome que me faz saber vivo, com gosto e com memória. Festejo digerir meu apetite, saber renovar a merecida mastigação que nos ensina a arte e a qualidade, a coincidência entre o desejo e a realização. Coordenar os acordes, a letra e a música, a genialidade e a mediocridade que nos compõe. O romântico que é o que é, ser confortável para mim mesmo, ser momento e ser eterno, ter sido covarde, corajoso de improvisado. Respeitar a experiência, os momentos, as circunstâncias, é o freio usado no lugar certo, afetos indigentes, ermitão, rebelde disfarçado de conforme, sai sem olhar para trás, com medo de me arrependeu,

com vontade de descobrir os bandidos do mundo, rechaçar os bandidos do submundo, amar por atacado, ser amado no varejo, vazios fundos, tão profundos sem grife, sem cartão de visitas, falando cada vez menos, enxergando mais, falo com gente que já se foi, me assusto com o que brota dentro de mim, não gosto de reconhecer-me incapaz, estudo, leio para ser denso, úmido, meu peito ainda esperando companhia, até me esquecer da solidão.



EMBARQUES

Há dias que embarco, me abraço com um acolhimento familiar, dou-me as boas-vindas, carrego minha bagagem com cuidado, o pão com manteiga acolhido como um tesouro, guardando uma foto antiga onde eu gostava da vida, era feliz com anseios alcançáveis, que me guardam um respeito íntimo, contente de estar e ser, da modinha, das mortes que tanto pesaram, imbecis como todas as mortes, inexplicáveis desaparecimentos

sem volta. Os silêncios ficando pesados, as vozes de luto eram como as políticas, amorais, o dia fica pesado, o melhor se esconde nos sonhos, ficam como amores sem retorno, e eu sigo esperando a hora, enfim entendo que o acaso se torna pouco generoso, tira os ânimos da vida. Fiquei obrigado a entender que nem sempre os oráculos acertam, nem sempre os anjos te acolhem e os deuses te escutam a aflição, a dor indizível. O homem velho do banco da praça ressuscita em mim, um desejo aposentado, as madrugadas alimentadoras dos sonhos acolhidos na escuridão que revive o que nunca aconteceu. Fazem-nos saber que somos efêmeros, os afetos são eternos, nunca são passageiros.



ENQUANTO

Enquanto supérfluos planam em todas as páginas, eu aterrizo na mesma hora, minhas naves me conduzem com delírios toleráveis sem precisar conferir se as paixões são minhas ou alheias. Eu vivo e eu me

observo, eu, alegrando meu coração, peço a paz que não se esqueça de mim, que fico por perto, que me olhe iluminando amenizando as minhas tristezas, compensando minhas decepções.



A VERDADEIRA AMEAÇA

Sem haver visto o futuro nunca se poderá saber qual é a verdadeira ameaça. Se a grande novidade estiver concentrada no vírus, somente estarás seguros se obedeceres a voz do profeta., não imitais os bárbaros que inventam ideias e que proíbem enfrentar suas ordens. Os que se apoderam do poder, se auto proclamam cientistas, futuristas, protetores, manipulam o riso e a mentira própria atribuindo-a aos outros, assumem lugares que não são seus. O modo de falsificar é tão ridículo como as regras do jogo que prometem a salvação aqueles que eles já golpearam, exaltam a pobreza dos pobres para neles esculpir a alienação, oferecem morada onde se faz menos segura a vida.

SUSPENDO O DIA

Suspendo o dia, porque a agonia me perturba a razão, ofendido por não lograr novos começos aceito a aproximação do fim. Queria prolongar o convívio, lograr um salto no tempo para visitar meus netos no futuro, últimos ramos que me couberam conhecer. É lógico que acabasse comigo minha consciência, minha curiosidade, meus devaneios, afundados nas suas ousadias. Como um rascunho agridoce sem definir-se doce ou amargo.

Roberto Curi Hallal

